

ARQUIDIOCESE DE MARIANA

**PROJETO ARQUIDIOCESANO DE
EVANGELIZAÇÃO (PAE)
(Documento de estudo)**

Mariana, fevereiro de 2021

ÍNDICE

Apresentação	3
Cap. I: Contemplando a realidade com olhar de discípulo missionário	
Introdução	6
1.1. Mais conectados, menos irmanados	6
1.2. Uma casa comum ferida	9
1.3. Muita religiosidade, pouco compromisso	11
Cap. II: Os referenciais para a ação evangelizadora dos discípulos missionários	
2.1. Jesus, anunciador do Reino de Deus.....	13
2.2. Jesus, palavra encarnada e pela Igreja anunciada.....	14
2.3. Jesus, pão da vida e fonte da caridade	16
2.4. Participantes da missão de Jesus	19
Cap. III: A ação dos discípulos missionários	
Introdução.....	22
3.1. Pilar da Palavra: animação bíblica da vida e da pastoral	23
1. Encaminhamentos práticos	23
3.2. Pilar do pão	24
2. Encaminhamentos práticos	24
3.3. Pilar da caridade	25
1. Encaminhamentos práticos: a caridade a serviço da vida, da dignidade humana e do cuidado com a casa comum.....	27
4.4. Pilar da missão	28
1. Encaminhamentos práticos	30

APRESENTAÇÃO

O termo “pastoral” está ligado à figura do pastor, tão rica e tão usada na literatura bíblica. Jesus se autodefine como “o bom pastor” (Jo 10,11), como aquele que conhece as suas ovelhas e dá a vida por elas. A Igreja que tem como identidade continuar a missão de Jesus no mundo, não deve se esquecer nunca do pedido de Jesus feito a Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15). Neste sentido, pastoral é a ação da igreja no mundo e sua missão. Diante de Jesus Cristo, o bom pastor, todos os cristãos devem se sentir ovelhas amadas, queridas, conhecidas e cuidadas por Ele, e diante dos irmãos e irmãs, devem se sentir pastores uns dos outros, vocacionados a cuidar e amar os irmãos e irmãs, especialmente os mais fragilizados. Portanto, “pastoral” não é, a princípio, um conjunto de atividades, planejamentos ou ações institucionalizadas, mas é o modo amoroso, compassivo e misericordioso do cristão agir no mundo e se relacionar com Deus e as pessoas.

Início esta apresentação fazendo referência ao termo pastoral porque o objetivo deste texto é exatamente traçar balizas para a ação *pastoral* da Igreja particular de Mariana para o próximo quadriênio. O PAE (Projeto Arquidiocesano de Evangelização) deve ser construído a partir desta compreensão mais radical, de origem bíblico- teológica, do termo pastoral. Caso contrário, corremos o risco de reduzir a compreensão de “pastoral” à organização, aos planejamentos, às estruturas e técnicas pastorais. Tudo isso deve estar a serviço da animação dos cristãos na vivência concreta do dinamismo amoroso que constitui a identidade cristã.

Diante disto, com grande alegria e esperança, dando sequência ao trabalho de Evangelização (pastoral) na Arquidiocese de Mariana, colocamos à disposição das nossas comunidades e agentes de pastoral e movimentos o texto- mártir do novo projeto Arquidiocesano de Evangelização (PAE). O desejo é que este texto seja estudado, aprofundado e aperfeiçoado por todos os agentes de evangelização da nossa Arquidiocese. Fiel à nossa rica tradição eclesial e pastoral, desejamos que este projeto, que futuramente será aprovado e assumido por todos, seja realmente fruto de um processo intenso de envolvimento das diversas instâncias e agentes evangelizadores da nossa Arquidiocese: cristãos leigos e leigas, religiosos, religiosas e ministros ordenados.

Na reunião ordinária do Conselho Arquidiocesano de pastoral (CAP) do dia 29 de fevereiro de 2020, foi constituída uma equipe para a elaboração do PAE que será inspirado, de modo especial, nas Novas Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (Doc. 109 da CNBB). A equipe é formada pelo animador leigo e o assessor religioso das quatro dimensões que correspondem aos quatro pilares da Evangelização sugeridos pelas Novas

Diretrizes, a saber: pilar do Pão (dimensão litúrgica), pilar da Palavra (dimensão catequética), pilar da Caridade (dimensão sociopolítica) e pilar da Missão (dimensão missionária). Sob a coordenação de Dom Airton José dos Santos e do Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, Pe. Edmar José da Silva, a equipe conta ainda com a presença e o apoio do Vigário Geral, Mons. Luiz Antônio Reis Costa.

Para a elaboração do documento, decidiu-se seguir o método já consagrado nos documentos eclesiais da América Latina: Ver, julgar e agir. Sendo assim, o documento é constituído de três capítulos: o primeiro, marco da realidade, visa apresentar, em linhas gerais, a realidade atual nos seus aspectos político, econômico, social e eclesial. O segundo capítulo explicita os grandes referenciais teológicos para a ação evangelização na Igreja particular de Mariana. O terceiro capítulo sugere encaminhamentos concretos para a ação evangelizadora na nossa Arquidiocese.

No ano de 2018 e 2019 discutimos, em várias instâncias, a questão da organização e da estrutura pastoral da Arquidiocese de Mariana. Decidiu-se pela continuação da organização atual (regiões pastorais e foranias), mas percebeu-se a necessidade de focar o trabalho de evangelização a partir das foranias, considerando que esta instância se encontra mais próxima (geográfica e pastoralmente) das comunidades eclesiais missionárias. Sendo assim, colocando em prática este novo enfoque, optamos por encaminhar este texto- mártir aos vigários forâneos que, por sua vez, devem fazê-lo chegar até as paróquias e comunidades da nossa Arquidiocese. Posteriormente, devem recolher o resultado do estudo e aprofundamento que será feito nas Paróquias, elaborar a síntese d forania e encaminhá-la para a Região pastoral que, por sua vez, fará a síntese regional e a enviará para a coordenação de pastoral. A equipe que construiu o texto debruçará sobre as observações que chegarão e preparará o texto final que será submetido à aprovação na 28ª Assembleia Arquidiocesana de Pastoral, programada para os dias 24 e 25 de setembro de 2021.

Para que a elaboração deste novo PAE seja realmente fruto de um processo sinodal, participativo e coletivo, contamos com o apoio incondicional de todos os agentes de evangelização. Que Nossa Senhora da Assunção e São José, padroeiros da nossa Arquidiocese, nos abençoem neste caminho de evangelização.

Pe. Edmar José da Silva

Coordenador Arquidiocesano de Pastoral

CAP. I- CONTEMPLANDO A REALIDADE COM O OLHAR DE DISCIPULO MISSIONÁRIO

“Para levar a cabo esta missão (continuar a obra de Cristo), é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho, para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. É, por isso, necessário conhecer e compreender o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático” (GS 4).

INTRODUÇÃO

1. Analisar a realidade em sua amplitude e alcance é tarefa complexa e exigente, porém, imprescindível quando se pretende que a evangelização cumpra sua finalidade que é “converter ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva dos homens, a atividade em que eles se aplicam, e a vida e o meio concreto que lhes são próprios”¹. Os discípulos-missionários de Jesus Cristo são pessoas humanas concretas, inseridas num contexto histórico bem definido. Conhecer seu mundo com a realidade que o envolve é fundamental para que a mensagem de Cristo chegue aos corações humanos de modo a animá-los, enchê-los de esperança, transformá-los e libertá-los. Daí não podermos prescindir de uma ação que tenha incidência nas estruturas que sustentam a realidade atual, nem sempre favoráveis à vida e à dignidade humana. Compreendem-se, assim, as palavras do Concílio: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (GS 1).

2. Um plano ou projeto de evangelização começa, então, por estender o olhar do discípulo-missionário para os lugares, os tempos e as circunstâncias em que nos encontramos com o esforço de discernir os sinais dos tempos em seu duplo aspecto histórico e escatológico, considerando “o mundo em que vivemos, as suas esperanças e aspirações, e o seu carácter tantas vezes dramático”². Esse é o objetivo deste primeiro capítulo do Projeto Arquidiocesano de Evangelização da Arquidiocese de Mariana (PAE 2021). Ainda que de

¹ PAULO VI. Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, n. 18

² Concílio Vaticano II. Constituição Gaudium et Spes, n. 4

maneira sintética e objetiva, somos chamados a perceber as marcas que identificam o nosso tempo a partir do lugar em que estamos. Não se trata, evidentemente, de uma leitura profunda e exaustiva da conjuntura, mas tão somente algumas chaves de leitura que poderão nos auxiliar a apontar ações para a evangelização que melhor e mais eficazmente responda aos desafios atuais, na perspectiva de ajudar todos os batizados e batizadas a se tornarem verdadeiros discípulos-missionários de Jesus, comprometidos com a missão de mostrar o Reino de Deus presente no hoje de nossa história.

1.1. Mais conectados, porém, menos irmanados

3. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE 2019-2023) destacam o fenômeno da urbanização como o grande desafio à evangelização nos tempos atuais. Segundo os Bispos do Brasil, a imagem da cidade é uma das maneiras de compreender a mudança de época para a qual chama atenção o Documento de Aparecida³. Segundo as Diretrizes, neste mundo que “vai se tornando uma grande cidade”⁴, ocorrem situações e fatos que revelam as luzes e sombras do viver humano. Entre as sombras aparece a **individualidade** reduzida a individualismo por afirmar o indivíduo sem levar em consideração o convívio, a fraternidade e a comunhão⁵. Na esfera **político-econômica**, dá-se a redução da função social do Estado que “tem lesado a dignidade das pessoas e enfraquecido o exercício dos direitos humanos”⁶ e a exacerbação do consumo e do consumismo quando “tudo tende a ser feito para ser consumido, esgotado e substituído”⁷, com a tendência de que se faça o mesmo com as relações interpessoais.

4. À “individualização consumista” liga-se uma série de práticas que corroem a vida humana nos seus direitos e na sua dignidade como a corrupção, a violência, o comércio de drogas e a legalização da morte⁸. Além disso, no contexto da urbanização, assiste-se ao enfraquecimento das instituições, à crescente pobreza alimentada pelas desigualdades sociais, num sistema social e econômico injusto em sua raiz, com enorme dívida ecológica e com a necessidade de “redescobrir caminhos de uma autêntica democracia” que passa pela justiça social, participação, garantias institucionais e bem comum⁹.

³ Cf.: CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) 2019-2023, n. 46.

⁴ Idem.

⁵ Idem, n. 49.

⁶ Idem, n. 50.

⁷ Idem, n. 51.

⁸ Idem, n. 52.

⁹ Idem nn. 53-65

5. O cenário descrito pelas Diretrizes não é novo e vem se desenhando ao longo de décadas, com avanços e recuos em determinados aspectos, como é próprio da realidade humana, marcadamente dinâmica. Aprofundemos alguns desses aspectos que, mesmo sendo globais, são ou têm reflexo direto na comunidade local, por menor que seja.

6. Um dos aspectos mais evidentes é a alteração político-ideológica ocasionada pelas eleições de 2018 e que sufragou um governo que se assume conservador e de direita. Tal ascensão foi impulsionada por uma das maiores revoluções comunicativas da história, operada pelas redes sociais. Sendo o atual governo federal de assumida linha conservadora, advoga ampla liberdade para a economia de mercado. Nesse cenário reaparece com grande força o conhecido protagonismo político assumido por grandes grupos econômicos, dotados de representação parlamentar e até com notável influência no âmbito religioso. As danosas consequências da supremacia dada à lógica do mercado mostram-se na redução de direitos dos aposentados, trabalhadores e nas ameaças às quais estão expostos povos e comunidades tradicionais como indígenas, ribeirinhos, pescadores, remanescentes de quilombolas, ciganos¹⁰.

7. A polarização que se instalou no país, gestada, sobretudo, no âmbito político, alimentada também por fundamentalismos ideológicos e intolerância, suscita um clima de beligerância que ultrapassa o ambiente político, dificulta, quando não impede, o diálogo, despreza a pluralidade e a diversidade, riqueza de toda nação, culminando no desrespeito à vida e à dignidade humana. Contribui exemplarmente para isso, infelizmente, o mau uso das redes sociais que têm o poder de aumentar exponencialmente o alcance de mensagens com conteúdos ofensivos que acirram os ânimos, destroem reputações, disseminam calúnias e injúrias. Nesse contexto, inserem-se as notícias falsas (fake news) que prestam um desserviço à humanidade e têm se mostrado um obstáculo quase insuperável na busca da harmonia e da unidade entre as pessoas.

8. A política, embora seja “uma das formas mais altas da caridade, porque busca o bem comum”¹¹, trilha seu calvário de descrédito e desencanto causado, em sua maior parte, pelos próprios políticos como alertam os Bispos do Brasil quando afirmam que “a apatia, o desencanto e o desinteresse pela política, que vemos crescer dia a dia no meio da população brasileira, inclusive nos movimentos sociais, têm sua raiz mais profunda em práticas políticas

¹⁰ O Decreto 6040/2007 define Povos e Comunidades Tradicionais como “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”.

¹¹ PAPA FRANCISCO. Aos estudantes de escolas jesuítas na Itália e na Albânia. 7 de junho de 2013

que comprometem a busca do bem comum, privilegiando interesses particulares. Tais práticas ferem a política e a esperança dos cidadãos que parecem não mais acreditar na força transformadora e renovadora do voto”¹².

9. Essa apatia que, em alguns casos, se transforma em aversão, tem consequências gravíssimas na vida de toda a população e, lamentavelmente, são muitos os que não se dão conta disso, seja pela incapacidade de se compreenderem como um ser político, seja porque foram infectados pelo vírus da indiferença globalizada ou da omissão. O desinteresse pela participação na política enfraquece a democracia e coloca em risco o Estado democrático de direito na medida em que abre caminho para *autointitulados* ‘salvadores da pátria’ e para autoritarismos, como temos assistido no Brasil e no mundo.

10. Esse autoritarismo na forma de governar, apesar da aparência de democracia, manifesta-se na obstrução de canais de participação popular, na negação de direitos constitucionais, como a demarcação das terras indígenas e de remanescentes quilombolas, na imposição de determinadas políticas sem consulta popular, além das constantes ameaças a instituições republicanas, base do Estado democrático de direito.

11. Muito próximo do autoritarismo encontra-se o populismo que se serve da boa fé do povo para alcançar o poder e exercê-lo à sua maneira, só aparentemente voltado aos interesses do povo. “O desprezo pelos vulneráveis pode esconder-se em formas populistas que, demagogicamente, se servem deles para os seus fins, ou em formas liberais ao serviço dos interesses econômicos dos poderosos. Em ambos os casos, é palpável a dificuldade de pensar num mundo aberto onde haja lugar para todos, que inclua os mais frágeis e respeite as diferentes culturas”¹³. O populismo está como que entranhado nas estruturas políticas do país, abastecido pela prática clientelista dos políticos que ainda seduz grande parte dos cidadãos em tempos de eleições, não obstante os avanços alcançados, sobretudo, a partir da constituição cidadã de 1988.

12. Aliada à política, mas com forte ascendência sobre ela, o ordenamento da economia dentro do padrão neoliberal tem sido impiedosa com os pobres e vulneráveis. Defensora da redução drástica do papel do Estado na economia, a agenda neoliberal enaltece ao máximo a liberdade de mercado. Visando cativar amplas faixas de consumidores e, assim, consolidar enormes margens de lucro, instiga o consumo desenfreado. Também ocorre a crescente concentração de riquezas nas mãos de pouquíssimos, aumentando o abismo entre os

¹² CNBB. Nota sobre o atual momento político. 26 de outubro de 1917.

¹³ PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti, n. 155.

imensamente ricos e os que jazem na pobreza extrema. Quando governos submetem-se a essa lógica, facilmente rendem-se ao poder dos grandes grupos econômicos, facilitando-lhes interesses e empreendimentos que aumentam seu capital com pouco ou nenhum benefício social. É o caso das mineradoras que, mesmo em meio à pandemia, pressionam por licenciamentos para minerar em áreas de preservação ecológica ou mesmo nos territórios indígenas. O mesmo se diga das madeireiras, do agronegócio, dos bancos e outras grandes empresas que sempre se enriquecem, mesmo durante as crises. Recorde-se que “a política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana”¹⁴.

13. A política e a economia têm se beneficiado cada vez mais da tecnologia, uma das raízes da mudança de época que marca a sociedade nos tempos atuais. Isso é muito bom, desde que não leve ao descarte da pessoa humana. Segundo o Papa Francisco, “a tecnologia registra progressos contínuos, mas ‘como seria bom se, ao aumento das inovações científicas e tecnológicas, correspondesse também uma equidade e uma inclusão social cada vez maior! Como seria bom se, enquanto descobrimos novos planetas longínquos, também descobríssemos as necessidades do irmão e da irmã que orbitam ao nosso redor!’”¹⁵.

1.2. Uma casa comum ferida

14. O Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH), da Organização das Nações Unidas (ONU), publicado no final de 2019, apontava o Brasil como o segundo país mais desigual do mundo, abaixo apenas do Catar, considerando dados de 2018. Segundo o Relatório, o contingente daqueles que formam a parcela dos 1% mais ricos do Brasil fica com 28% de toda a riqueza que o país produz. Já os 10% mais ricos detêm 41,9% da riqueza nacional¹⁶.

15. Essa absurda desigualdade fez o Brasil voltar ao mapa da fome, de acordo com dados de 2018 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE) em setembro de 2020. As estatísticas do IBGE indicam que, em 2018, mais de dez milhões de brasileiros tinham insegurança alimentar grave (em 2013 eram pouco mais de sete milhões¹⁷: e 85

¹⁴ PAPA FRANCISCO. Encíclica Laudato Si, n. 189.

¹⁵ PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti, n. 31.

¹⁶ Cf.: <https://brpolitico.com.br/noticias/brasil-e-o-2o-pais-mais-desigual-do-mundo/>. Acessado em 21.10.20

¹⁷ <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/72-milhoes-sofrem-com-inseguranca-alimentar-grave-no-pais-diz-pnad-2013.html>

milhões moravam em casa com algum grau de insegurança alimentar¹⁸. Um retrocesso imperdoável.

16. A pobreza e a extrema pobreza também aumentaram no Brasil. Com base nos resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), o Banco Mundial mostra que, de 2014 a 2019, os 40% mais pobres do país tiveram sua renda diminuída em 1,4% por ano e que, se o aumento da renda nesse período tivesse beneficiado todas as faixas da população de forma igual, 13 milhões de brasileiros teriam deixado a pobreza e nove milhões, a pobreza extrema. Segundo o Banco Mundial, vivem na pobreza as famílias cuja renda per capita for abaixo de R\$ 499,00/mês e, na pobreza extrema, as que vivem com renda per capita menor que R\$ 178,00/mês reais¹⁹. Contribuiu para isso, entre outros fatores, a redução do número de beneficiados com o programa de transferência de renda do governo (Bolsa Família) que deverá mudar de nome.

17. Esse quadro só não se agravou mais durante a pandemia do novo coronavírus devido ao Auxílio Emergencial, aprovado pelo Congresso Nacional, pago pelo Governo aos que ficaram em situação vulnerável nesse período. Por causa desse Auxílio, segundo estudos da Fundação Getúlio Vargas publicados em outubro de 2020, o número dos pobres (pessoas que vivem com menos de meio salário mínimo) caiu para 50 milhões, reduzindo em 23,7%. Cerca de 60 milhões de pessoas foram beneficiados com o auxílio do Governo que, inicialmente, foi de R\$ 600 (entre abril e agosto de 2020) e, depois, passou para R\$ 300. (Onde está a citação dessa fonte?) até dezembro de 2020.

18. A essa crise social, que se revela também no descuido com a saúde e a educação, somam-se outras sérias preocupações diante das questões ligadas à gestão do meio ambiente, causadas sobretudo por impasses advindos de políticas públicas ineficazes ou inexistentes. Os noticiários destacaram em 2020 os recordes de queimadas e desmatamentos devastando a Amazônia, o Pantanal e outros biomas brasileiros. A promoção do agronegócio sem maiores responsabilidades ecológicas caracteriza vários governos por décadas. Nessa mesma direção caminham o garimpo ilegal e as grandes mineradoras. O desmonte de importantes autarquias voltadas para a proteção de nossa Casa Comum como, por exemplo, o IBAMA, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) revelam políticas

¹⁸ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28903-10-3-milhoes-de-pessoas-moram-em-domicilios-com-inseguranca-alimentar-grave> e também: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,fome-aumenta-43-em-cinco-anos-e-brasil-tem-primeira-piora-em-seguranca-alimentar-diz-ibge,70003441339>

¹⁹ Cf. <https://www.dw.com/pt-br/banco-mundial-aponta-crescimento-da-pobreza-e-desigualdade-no-brasil/a-55064667>. Acessado em 21.10.20

ambientais que se submetem ao poder econômico, comprometendo seriamente o meio ambiente.

19. Os crimes das mineradoras Samarco/Vale/BHP Billinton com o rompimento da barragem de Fundão, no subdistrito de Bento Rodrigues, município de Mariana, em 2015, e da Vale, no Córrego do Feijão, em Brumadinho, em 2019, não alteraram significativamente a sua forma de relacionar economia, meio ambiente e sociedade. Essas tragédias parecem ter pouco servido de referência para o aperfeiçoamento das leis que regulamentam as atividades mineradoras. A mineração continua propagandeando seus bônus deixando o ônus com a população e o meio ambiente.

20. Na Encíclica *Laudato Si*, o Papa Francisco mostra que a degradação ambiental e humana se dá de forma conjunta e atinge de forma mais direta e forte os pobres e excluídos. “O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta: «Tanto a experiência comum da vida quotidiana como a investigação científica demonstram que os efeitos mais graves de todas as agressões ambientais recaem sobre as pessoas mais pobres». Por exemplo, o esgotamento das reservas naturais para a pesca prejudica diretamente as pessoas que vivem da pesca artesanal e não possuem qualquer maneira de substituí-la, a poluição da água afeta particularmente os mais pobres que não têm possibilidades de comprar água engarrafada, e a elevação do nível do mar afeta principalmente as populações costeiras mais pobres que não têm para onde se transferir. O impacto dos desequilíbrios atuais manifesta-se também na morte prematura de muitos pobres, nos conflitos gerados pela falta de recursos e em muitos outros problemas que não têm espaço suficiente nas agendas mundiais”²⁰.

1.3. Muita religiosidade, pouco compromisso

21. A Igreja sonhada pelo Papa Francisco caracteriza-se como uma Igreja em saída, portanto, missionária, sinodal, misericordiosa, pobre para os pobres, ecológica, profundamente inserida no mundo e comprometida com a transformação social. O atual Papa deixa isso muito claro tanto nas suas encíclicas e exortações apostólicas, quanto em suas mensagens, em seus discursos e, sobretudo, no seu testemunho. São propostas de mudanças profundas

²⁰ PAPA FRANCISCO. Encíclica *Laudato Si*, n. 48

que não deixam de gerar tensões e questionamentos da parte de numerosos membros da Igreja e da sociedade. A coragem profética do Papa Francisco, diante de frequentes formas de violência e injustiça, é permanente inspiração para as Igrejas particulares, estimulando-as a seguir o mesmo caminho, sobretudo, se considerarmos os clamores cada vez mais fortes que nos chegam dos pobres e excluídos, ameaçados de descarte pelo sistema político-econômico vigente em numerosas nações.

22. No Brasil, a Igreja mostra sua presença na sociedade seja através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), manifestando-se em relação a causas que são caras ao Evangelho como a defesa da vida, ética na política, a justiça social, o respeito aos direitos humanos e ecológicos, seja por meio de atividades pastorais e projetos sociais, com ênfase no protagonismo dos cristãos leigos e leigas.

23. O que acontece na sociedade brasileira também se reflete no âmbito eclesial. A polarização e o acirramento em torno de vários temas se manifestam de maneira preocupante nas redes sociais com reflexos e impactos na vida de nossas comunidades. A forma desrespeitosa e violenta com que grupos e indivíduos, das mais diferentes linhas político-ideológicas, abordam temáticas relativas à vida e missão da Igreja geram a mesma polarização e divisão que marcam a realidade política brasileira, gerando um clima de beligerância, de desrespeito à pluralidade e diversidade, numa inequívoca contradição com a fé que afirmam ter.

24. Com ressonância na Igreja no Brasil, esses fatos desafiam nosso trabalho de evangelização. Em nossa Arquidiocese, a articulação da Igreja como Comunidade de comunidades, evidenciada desde o PAE 2010-2014, é um caminho a ser assumido com renovado ardor. A compreensão e a promoção das variadas vocações possibilitam um maior desenvolvimento da dimensão ministerial da Igreja. O reconhecimento e valorização da vocação laical é tarefa cujo pleno cumprimento exige a superação de uma visão limitada, ainda presente em muitos meios, que identifica a Igreja somente com o clero e gera várias formas de clericalismo, incluída a lamentável clericalização dos leigos e conseqüente confusão de identidades e exercício de missões e atividades específicas de cada vocação.

25. O sempre desafiante e incipiente compromisso com as causas político-sociais sofre um refluxo que é constatado em todo Brasil. Torna-se cada vez mais difícil organizar e articular a ação social da evangelização nas comunidades e mobilizar o laicato para uma autêntica atuação cristã na política. A pandemia ensejou grande oportunidade de voltarmos à “Igreja das casas”. O que pudemos fazer, logo de imediato, foi migrar do que fazíamos

presencialmente para o ambiente virtual, concentrando-nos na transmissão das celebrações litúrgicas e das práticas devocionais. Nesse sentido, urge o aperfeiçoamento e a criativa diversificação da presença da Igreja no universo comunicativo inaugurado pelo advento da internet. A difusão da mensagem cristã possui inegável dimensão litúrgica e devocional, mas não se limita a elas, existe igualmente a dimensão ética e o empenho que visa a transformação das múltiplas realidades mediante a luz do Evangelho. A formação do senso crítico, pautado por valores evangélicos e iluminado pela Doutrina Social da Igreja, e sua comunicação eficaz nesses novos arcópagos digitais é desafio lançado diante da Igreja.

26. Em 2018 nossa Arquidiocese acolheu o seu novo pastor. Cada bispo marca profundamente a Igreja Particular que pastorea. Em cada nova etapa existe elementos tanto de continuidade quanto de novidade como é próprio da caminhada histórica da Igreja. Tendo como base a história da Arquidiocese e sua caminhada evangelizadora, as conquistas obtidas dentro da perspectiva de uma Igreja como comunhão e participação que promove e valoriza os conselhos e as comunidades em seu protagonismo pastoral, iniciamos um novo período de nossa caminhada pastoral.

CAPÍTULO II

OS REFERENCIAIS PARA A AÇÃO EVANGELIZADORA DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

INTRODUÇÃO

27. A reflexão sobre a realidade na qual nos encontramos inseridos gera o reconhecimento de que vivemos nova fase da pós-modernidade. Desde a preparação da Conferência de Aparecida já se constatava que, mais do que uma época de mudanças, enfrentamos uma mudança de época²¹. Diante de nós um horizonte cheio de novas realidades, de inovações assombrosas, de sofrimentos e buscas esperançosas, de novas propostas religiosas, de iniquidades, vícios e corrupções, porém igualmente repleto de desejo de solidariedade e cheio de desafios²².

O pluralismo cultural e religioso da sociedade repercute fortemente na Igreja. Existem outras fontes de sentido que competem com ela, relativizando e debilitando a sua incidência social e sua ação pastoral. Nem todos os católicos (incluindo os próprios sacerdotes) estavam preparados para resistir a essa multiplicidade de discursos e de práticas presentes na sociedade. Esse fato resultou, pra muitos, em certo distanciamento silencioso da Igreja e na adesão pouco refletida a outras crenças ou instituições religiosas. Essa situação se vê agravada pelo relativismo ético-religioso da atual cultura. Por outro lado, o pluralismo abre espaço para a liberdade e a opção religiosa consciente²³.

28. A complexidade desse cenário pede que situemos nossa caminhada eclesial a partir de referenciais seguros para a ação evangelizadora da Igreja. A Igreja recebeu a missão de comunicar o Evangelho a toda humanidade. Faz isso não como mera promoção de uma instituição religiosa, mas como ação de quem se compreende como corpo eclesial de Cristo, mistério de comunhão e o Povo de Deus que peregrina na história.

1- Jesus, anunciador do Reino de Deus

²¹ CELAM, *Documento de Participação para a V Conferência*, n. 38, 2005

²² *Idem*, *ibidem*.

²³ CELAM. *Síntesis de los aportes recibidos*, n° 57, 2007

29. O centro da pregação de Jesus é o seu ensinamento sobre o Reino de Deus (Mc 1,14-15). A boa notícia, o Evangelho de Jesus Cristo é a sua mensagem sobre o Reino. Na língua hebraica o termo *Reino* (*malkut*) possui um sentido dinâmico e também pode ser traduzido como *Reinado*. Dizer que Deus vai reinar significa que afirmar que esse Reino vai verdadeiramente acontecer. O Reino acontece mediante a realização do desígnio de Deus, com o cumprimento fiel da sua vontade. Tal afirmação se entende porque, dentro da mentalidade daquela época, se compreendia que um soberano verdadeiramente reinava quando a sua vontade era concretizada.

30. No Antigo Testamento encontramos o testemunho da esperança do povo de Israel que ansiosamente aguardava a chegada de um rei que finalmente implantasse na terra a verdadeira justiça (Is 11,3-5; 32, 1-3. 15-18; Sl 44, 72). O conceito bíblico de justiça não era o mesmo que vigorava no direito romano: dar a cada um o que é seu. Para o Antigo Testamento a justiça consistia em defender eficazmente aqueles que, por si mesmos, não podiam se defender. Desta forma, Israel constatava a justiça dos seus reis na medida em que eles protegiam os indefesos e desvalidos, os fracos e os pobres, as viúvas e os órfãos (Sl 72, 1-4; 12-14).

31. No Novo Testamento, quando Jesus anuncia que o Reino de Deus já chegou, o que ele proclama é que a tão desejada justiça vai se implantar porque essa é a vontade de Deus. Assim se compreende porque o Reino é para os pobres (Lc 6,20), para as crianças (Mc 10,14), para os pequenos (Mt 5,19) e para os pecadores arrependidos (Mt 9,13). Ou seja, o Reino é anunciado a todos, incluídos especialmente aqueles que eram desvalorizados pela sociedade da época.

32. Concretamente a mensagem do Reino apresenta o plano de Deus para a humanidade e toda a criação. É um plano de vida e salvação em seu sentido mais pleno. O Reino é um dom da parte de Deus. Por isso, da parte do ser humano supõe-se a acolhida desse dom mediante a conversão pessoal e comunitária. Essa conversão implica em mudança de atitudes e de mentalidade (Mc 1,15), adesão incondicional a Jesus e sua mensagem (Mc 4, 3-20) e, por causa dessa intensidade, também se supõe e exige uma consistente espiritualidade.

33. Acolher o dom de Deus em nossa história implica em se descobrir como colaborador na obra de Deus que se dá na história e na criação. É saber que o fermento do Reino fecunda uma nova forma de viver tanto em nossas pequenas comunidades quanto na grande sociedade humana. Uma vivência comunitária e social que corresponda à vontade divina e onde se estabeleça o autêntico amor fraterno como o parâmetro de todas as relações pessoais

e sociais. Evidentemente, o Reino de Deus não pode ser reduzido a um mero projeto de justiça social. O Reino vai além de tudo isso e sua plenitude só será alcançada na eternidade, quando Deus for “tudo em todas as coisas” (1 Cor 15).

34. A Igreja, por sua íntima e total vinculação com Cristo, tem como missão própria, anunciar o Reino de Deus e testemunhar a sua presença no mundo através de comunidades de discípulos-missionários que assumam verdadeiramente o Evangelho de Jesus. Toda ação pastoral e evangelizadora se articula e se realiza em torno dessa tarefa fundamental.

35. O anúncio de Jesus Cristo se faz no horizonte do Reino de Deus, que é o centro de sua vida e de sua pregação. (...). “O Reino de Deus é um dom, e por isso mesmo, é grande e belo, constituindo resposta à esperança. Este é sempre mais do que aquilo que merecemos, tal como o ser amados nunca é algo ‘merecido’, mas um dom. Porém (...), permanece igualmente que o nosso agir não é indiferente diante de Deus e, portanto, também não o é para o desenrolar da história. Podemos abrir-nos, nós mesmos e o mundo, ao ingresso de Deus: da verdade, do amor e do bem. É o que fizeram os santos que, como ‘colaboradores de Deus’ contribuíram para a salvação do mundo (1Cor 3,9; 1Ts 3,2). [Doc 109, n. 13]

2- Jesus, Palavra encarnada e pela Igreja anunciada

36. A missão de instruir e educar a todos sobre o mistério da salvação foi confiada pelo próprio Jesus aos seus discípulos. Fez isso não com a indicação de tarefas isoladas, mas como verdadeira missão dada a uma comunidade de discípulos-missionários. A eles foi assinalada o dever de ir e evangelizar, testemunhar, batizar e edificar a Igreja visando a comunhão cada vez mais plena entre Deus e seu povo.

37. A Igreja, enquanto comunidade de fé e vida, tem cumprido ao longo dos séculos o compromisso da evangelização e constituiu-se como verdadeira casa da Palavra. Do querigma à catequese, do aprofundamento bíblico e teológico à mistagogia: todas as iniciativas convergem para que a pregação cristã atinja o objetivo de encarnar a Palavra no coração dos fiéis e nas estruturas da vida social. Trata-se da encarnação da Palavra de Deus na história da humanidade.

38. A presença da Palavra de Deus no mundo se desenvolve ao longo de um caminho histórico constituído por diversas fases e alcança o seu momento central na pessoa de Jesus Cristo. No Antigo Testamento é fundamental a convicção de que Deus se comunica com o seu povo por meio de sua Palavra. Nesse processo comunicativo é decisiva a participação dos profetas, sábios e lideranças carismáticas. Inúmeras vezes afirma-se que Deus fala e a sua

Palavra é uma palavra geradora de vida e ação: ela cria o mundo (Sl 33,6), vence o mal (Os 6,5), tem uma eficácia poderosa e infalível (Is 55,10-11). Deus se manifesta através da sua Palavra que é plena de sabedoria (Sb 9,1-2; 7, 25-27; 8,3).

39. No Novo Testamento acentua-se ainda mais a proximidade da Palavra junto à humanidade. Mais que pela mediação de um profeta ou de um sábio, a Palavra se torna próxima de maneira direta. Tão próxima que se torna uma pessoa, presente entre outras pessoas (Hb 1,1-3, Jo 1,10-14). No Evangelho de João, Cristo é apresentado como a própria Palavra de Deus atuante no meio do mundo. Ou seja, na vida de Jesus de Nazaré, Deus se comunica da maneira plena ao mundo. Sua manifestação é descrita como o momento culminante de uma presença que existe desde sempre (Jo 1,1-14). Em Jesus convergem os vários acontecimentos da história, da profecia e da sabedoria do Povo de Deus. Nele a história caminha para o definitivo, a profecia se cumpre e a sabedoria se revela completamente.

40. A vida e a missão de Jesus devem ser entendidas como a revelação de Deus e de sua Palavra. Repetidamente o próprio Jesus recorda que ele jamais se separa do Pai e entre ambos há uma tão perfeita unidade que quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 14,9). Revela essa unidade de várias formas: falando das obras do Pai como suas obras também (Jo 5,17-19) e, nessa mesma unidade, estão palavras que profere (Jo 8,27; 14,10). A sua obediência amorosa e filial ao Pai manifesta radicalmente sua perfeita união com ele (Fl 2,8; Hb 5,8; Jo 8,55). Os gestos e as palavras de Jesus trazem ao mundo humano tudo o que ele viu e ouviu do Pai. Assim, quem conhece a palavra de Jesus conhece a Palavra de Deus.

41. Ao Espírito Santo cumpre tornar viva e atual a Palavra de Jesus em cada geração cristã. A presença do Espírito Santo nunca é uma presença isolada ou facultativa. O Espírito está em plena comunhão com o Pai e o Filho. Por isso, após a ascensão de Jesus e o Pentecostes, é o Espírito Santo que dá prosseguimento à comunicação da Palavra divina. Ele não fala coisas suas, mas aquilo que viu e ouviu junto do Pai e do Filho e guia a Igreja rumo a toda verdade (Jo 16,12-15). Desta forma, o período histórico em que vivemos, chamado de tempo da Igreja, é o tempo da Palavra atualizada pelo Espírito. O Espírito Santo explicita e aprofunda em cada época o que Cristo já disse, depois de ter visto e ouvido do Pai. Faz isso por meio da Igreja, corpo de Cristo no mundo e casa da Palavra.

42. O importante é o encontro com a Palavra que muda a vida e dá sentido ao ser e agir de quem é cristão, corrigindo posturas e aderindo ao modo de ser, pensar e de agir de Jesus

Cristo. O Evangelho passa a ser o critério decisivo para o discernimento em vista da vivência cristã. (Doc. 109, n. 92)

3- Jesus, pão da vida e fonte da caridade

43. A Eucaristia é “fonte e ápice de toda a vida cristã” (LG 11). Toda a vida da Igreja, todas as suas atividades se ligam à Eucaristia e para ela convergem “pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber: o próprio Cristo, nossa Páscoa” (PO 5). O Catecismo da Igreja Católica afirma que a Eucaristia é o resumo e a síntese da nossa fé. Faz isso citando Santo Irineu: “nossa maneira de pensar concorda com a Eucaristia e a Eucaristia, por sua vez, confirma a nossa forma de pensar” (CIC 1327).

44. A significação fundamental da eucaristia é muito clara: ela é o sacramento da vida compartilhada. Esse compartilhamento está inserido no contexto do mistério pascal de Cristo, da sua vida oferecida em sacrifício na cruz e plenificada na ressurreição. A Eucaristia é um sacrifício porque torna presente o único sacrifício da cruz, sendo dele o memorial e aplicando os seus frutos de vida e salvação. É o sacramento onde o Espírito Santo une os discípulos de Cristo entre si e com o seu Senhor, constituindo-os como “um só corpo e um só espírito”. A eucaristia é sempre um fato comunitário porque nela e através dela se edifica a Igreja.

45. A Eucaristia relaciona-se diretamente com o alimento compartilhado. O pão era partido e repartido e chegava a todos os comensais. Todos também bebiam do mesmo cálice, que passava de boca em boca, do primeiro até o último. No Novo Testamento, o gesto de compartilhar o mesmo pão é repetidamente destacado quando se fala da Eucaristia como “fração do pão”.

46. O fato de que Jesus tenha instituído a Eucaristia numa refeição compartilhada (a ceia pascal de despedida), nos remete também a uma prática de Jesus e dos seus discípulos que era muito significativa: frequentemente Jesus e os seus realizavam refeições em comum. Para a cultura israelita o ato de comer não era uma ação destituída de significado mais profundo. Cada refeição era portadora de uma mensagem dotada de uma significação religiosa e social de grande alcance. A refeição tinha um sentido teológico. Para a mentalidade judaica, compartilhar a mesa significava estabelecer uma comunhão de vida com os outros comensais.

47. O verdadeiro sentido da comida compartilhada, segundo o ensinamento evangélico, consiste em compartilhar a vida e se unir aos demais pela caridade fraterna, sem excluir os pobres e desamparados desse mundo. O relato bíblico da instituição da Eucaristia foi

elaborado dentro uma referência explícita à páscoa judaica. Na tradição judaica da ceia pascal, logo após o louvor pelas maravilhas operadas por Deus no êxodo é destacada a solidariedade com os pobres e desventurados. Desta forma, o vínculo entre a Eucaristia e a prática da caridade fraterna não é coisa acidental, mas um vínculo indissolúvel estabelecido desde a sua instituição.

48. Os Atos dos Apóstolos narram a experiência da primeira comunidade cristã como experiência profundamente eucarística (At 2,42 – 47). O texto diz que “frequentavam diariamente o templo em grupo, partiam o pão nas casas e comiam juntos louvando a Deus” (At 2,46 – 47). As consequências desse modo de agir gerado pela eucaristia foram impressionantes: “viviam unidos e tinham tudo em comum” (At 2,44); “a multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo era em comum entre eles” (At 4,32). Os primeiros cristãos levaram até as últimas consequências a sua vivência da Eucaristia. Na experiência deles se testemunhou que é próprio da Eucaristia gerar a caridade fraterna e a vida compartilhada.

49. A antiguidade cristã conheceu o testemunho dessa caridade nascida da Eucaristia e assim testemunhou São Justino: “os que possuem bens em abundância e o desejam dão livremente o que lhes parece bem, e o que se recolhe é entregue àquele que preside. Este socorre os órfãos e as viúvas e os que, por motivo de doença ou qualquer outra razão, se encontram em necessidade, assim como os encarcerados e hóspedes que chegam de viagem; numa palavra: ele toma sobre si o encargo de todos os necessitados” (Apologia 1,67.6).

50. O Apóstolo Paulo aprofundou a compreensão sobre o mistério eucarístico ao elaborar a sua reflexão sobre a Igreja como corpo de Cristo. A imagem do corpo revela a realidade do vínculo existente entre o cristão e Cristo como uma realidade viva e dinâmica. Revela igualmente o mesmo vínculo unindo os membros da comunidade. Assim, Paulo apresentou a colaboração como o tipo de relacionamento que os cristãos devem adotar na vida eclesial. Os membros da Igreja são diferentes, cada um ocupa um lugar e possui uma função própria e todos estão a serviço de todos. Por consequência, a comunidade cristã sempre se edifica como Corpo de Cristo, principalmente na celebração eucarística. Isso se dá mediante as consequências geradas pela Eucaristia que consistem essencialmente em vivenciar o amor mútuo mediante a disponibilidade e o serviço aos outros.

51. A celebração eucarística vincula os cristãos entre si no mesmo corpo, isto é, numa comunidade caracterizada pelo amor e pelo serviço: “o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão com o

corpo de Cristo? Já que há um só pão, nós – embora muitos – somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão” (1 Cor 10, 16 – 17).

52. Para entender corretamente a vinculação entre Eucaristia e caridade é de fundamental importância se ater à passagem de 1 Cor 11,17-34. Nesse trecho encontramos as sérias advertências que o Apóstolo faz à comunidade de Corinto por causa das desordens lá ocorridas por ocasião da celebração eucarística. Essas desordens consistiam na profunda divisão existente entre os cristãos de Corinto: “quando vos reunis não é para comer a ceia do Senhor, pois cada um se apressa em comer a sua própria ceia e, enquanto um passa fome o outro se embriaga!” (1 Cor 11, 20-21). Na comunidade de Corinto havia aqueles que tinham de sobra e outros que passavam fome. Paulo aponta o grave desvio de se celebrar a Eucaristia sem o conseqüente fruto da caridade fraterna.

53. A Eucaristia é o sacramento no qual os cristãos se comprometem a compartilhar a mesma vida que Jesus levou, na condição de seus discípulos reunidos nessa grande comunidade de fé que é a Igreja. A Eucaristia implica em identificação de vida com Jesus: fazer o que ele fez e viver como ele viveu. Um compromisso tão profundo e tão radical não se sustenta apenas com a boa vontade, por mais generosa que seja. As limitações humanas pesam e o egoísmo semeia numerosas armadilhas ao longo da caminhada. Por esta razão, a Eucaristia também comunica o indispensável auxílio da graça divina, sem o qual o compromisso de vida fraterna partilhada não conseguiria perseverar por longo tempo.

54. A Eucaristia aumenta a nossa união com Cristo e verdadeiramente nos fortalece (CIC 1391 – 1395), capacitando-nos a enfrentar os numerosos desafios que realidade marcada pelo pecado erige a cada momento. Sendo “o sacramento da unidade e o vínculo da caridade” (Santo Agostinho), a Eucaristia nos faz sentir como são dolorosas aquelas divisões na Igreja que rompem a participação comum à mesa do Senhor. Por isso, “tanto mais prementes são as orações ao Senhor para que voltem os dias da unidade completa de todos os que nele creem” (CIC 1398). Por fim, a Eucaristia é o penhor da glória futura e antecipa sacramentalmente a vitória definitiva do Reino de Deus iniciada em Jesus Ressuscitado (CIC 1402 – 1405). Na Eucaristia robustecemos a nossa esperança e a transformamos em compromisso efetivo em prol do Evangelho. “A Igreja sabe que, desde agora o Senhor vem na Eucaristia, e que ali ele está no meio de nós” (CIC 1404). “Desta grande esperança, a dos novos céus e nova terra nos quais habitará a justiça, não temos penhor mais seguro e mais manifesto do que a Eucaristia” (CIC 1405).

4- Participantes da missão de Jesus

55. O termo missão provém do latim *mittere* (enviar) e possui um duplo significado na teologia cristã. Quando se fala da Trindade o termo missão é usado para expressar a relação que liga o Pai ao Filho e ao Espírito Santo: para comunicar vida e salvação ao mundo o Pai enviou o seu Filho ao mundo. Por sua vez, o Filho enviou por parte do Pai o Espírito Santo para que a obra da salvação seja levada à plenitude. A esse significado trinitário do termo missão acrescenta-se outro que é a ação evangelizadora da Igreja entre aqueles que ainda não conhecem o Evangelho. Nesse sentido se fala de missões *ad gentes*, isto é, levar o Evangelho aos que ainda não conhecem Cristo como Redentor da humanidade.

56. A história missionária da Igreja é de uma impressionante riqueza desde os seus primórdios. Por meio da atividade missionária a fé cristã atingiu todos os continentes e os mais variados povos. Nos últimos cem anos os Papas serão os grandes animadores da missão como comprovam importantes documentos eclesiais de Bento XV: *Maximum Illud* (1919), de Pio XI *Rerum Ecclesiae* (1926), de Pio XII: *Fidei Donum* (1957), de Paulo VI: *Evangelii nuntiandi* (1975), de João Paulo II: *Redemptoris Missio* (1991). O principal ponto de referência é o decreto sobre a atividade missionária da Igreja *Ad Gentes*, promulgado pelo Concílio Vaticano II (1962-1965). Esse rico patrimônio de reflexões e diretrizes foi assimilado e reproposto pelos e sínodos e conferências episcopais nas últimas décadas.

57. Uma nova consciência missionária foi consolidada a partir do Vaticano II. Por causa de uma mentalidade gerada por séculos de ambiente social e cultural gerado pela cristandade, a missão ocupava um segundo plano no conjunto das ações pastorais. Demorou muito para que os apelos missionários dos vários Papas do século XX fosse atendido. Havia uma ilusória sensação de segurança em relação aos países cristianizados há séculos e as missões eram tidas como atividades próprias para territórios ou pagãos ou então, como a promoção periódica de avivamentos das práticas religiosas mediante as missões populares. Na prática a missão era uma atividade secundária e reservada a ordens e congregações especializadas nesse tipo de atividade. O Vaticano II reafirmou o caráter essencial da missão *ad gentes*, mas simultaneamente colocou a missão no centro da vida da Igreja.

58. A concepção missionária da Igreja foi uma preocupação fundamental que se reflete em quase todos os seus documentos (AG1- 2,6, 9-18; LG 16-17, DV 25, SC 64-64, 68; AA 10-11; CD 6,30). Naturalmente o decreto *Ad Gentes* é o texto capital sobre a Igreja compreendida como missão. Para a Igreja a missão é um elemento constitutivo de sua própria identidade. Da mesma forma que Jesus se entende a partir da sua relação com o Reino de

Deus e sua identidade pessoal se inscreve dentro da sua missão salvífica, assim também acontece com a Igreja que somente se realiza verdadeiramente sendo missionária.

59. No decorrer do século os cristãos foram gradualmente tomando consciência de que também as antigas cristandades europeias também se tornaram países de missão. Passou-se de um cristianismo estabelecido por tradição cultural e de uma pastoral de conservação ao processo de reestruturação missionária de toda a Igreja. Nessa nova configuração se abandona a concentração exclusiva das atividades missionárias nas mãos do clero e dos religiosos. Passa-se a contar também com o laicato, primeiramente incorporado ao apostolado hierárquico (Ação Católica) e depois reconhecendo a vocação missionária de todos os membros da Igreja em virtude da consagração batismal (AG 11).

60. Surgem assim novos projetos evangelizadores com a participação do clero e do laicato, com uma nova sensibilidade social marcada pela solidariedade com os pobres. De modo particular, na América Latina, a missão passou a se ver como libertação integral, promoção humana e defesa dos direitos fundamentais como parte indispensável do testemunho evangélico. É uma missão que se pretende mais dialogante e propositiva, mais encarnada e testemunhal. A sucessão de crises experimentadas nas últimas décadas e a mudança de época na qual estamos inseridos são verdadeiros desafios e, ao mesmo tempo, uma oportunidade histórica de evangelização.

61. O início do século XXI experimenta a abertura de horizonte em vista de uma nova fase missionária na vida da Igreja. A Igreja presente nas periferias do mundo são portadoras de grande vitalidade e fortemente comprometidas com novas experiências evangelizadoras. A Europa vai gradativamente deixando de ser a única influenciadora eclesial e novos cenários e urgências emergem pedindo presença e respostas. As tremendas mudanças culturais, a secularização, o avanço das seitas e outros movimentos religiosos, o acentuado decréscimo do número de católicos, o aprofundamento das injustiças e tensões políticas e sociais, a perda de dinamismo de vários organismos e instâncias eclesiais e sociais são realidades que pedem reflexão e novos posicionamentos. É diante desse contexto desafiante que novamente deverá se situar a missão da Igreja.

62. Com as palavras: “ide, pois, e fazei discípulos todos os povos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-os a observar tudo o que vos mandei” (Mt 28, 19-20), Jesus Cristo não confiou aos seus seguidores uma tarefa simples, mas conferiu-lhes um identidade que os projeta para além de si, na comunhão com a Santíssima Trindade, em

favor do mundo inteiro, por meio do testemunho, do serviço e do anúncio do Reino de Deus. (Doc 109, n. 21)

CAP. III- A AÇÃO DOS DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS

Introdução

63. As Novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023 (Doc. 109 CNBB) estão estruturadas a partir da compreensão da Igreja como *Comunidades Eclesial Missionária* e fazem uso da imagem da “casa” de portas abertas para reforçar o aspecto missionário da igreja: “Casa é aqui a imagem de maior proximidade às pessoas, o lugar onde vivem, mesmo aquelas que só têm a rua como casa. Ela indica a proximidade relacional entre as pessoas que ali convivem. Indica igualmente a necessidade da Igreja se fazer cada mais presente nos locais onde as pessoas estão, seja onde for”²⁴. Como toda casa é sustentada por quatro pilares, em se tratando da “Casa- Igreja” - comunidade Eclesial Missionária- , os pilares evangelizadores que a sustentam são: “Palavra: Iniciação à vida cristã e animação bíblica; Pão: liturgia e espiritualidade; Caridade: serviço à vida plena; Ação Missionária: estado permanente de missão”²⁵. Estes quatro pilares da evangelização correspondem à natureza mesma da Igreja e devem ser vivenciados conjuntamente. Não são vários tipos de evangelização, mas aspectos específicos da mesma e única evangelização.

64. Inspirado nas novas Diretrizes²⁶, o nosso Projeto Arquidiocesano de Evangelização, neste terceiro capítulo, aponta pistas concretas para a ação evangelizadora na nossa Igreja particular a partir dos quatro pilares da evangelização.

3.1. PILAR DA PALAVRA: animação bíblica da vida e da pastoral

65. At 2,42: “Eles eram perseverantes no ensinamento dos Apóstolos”. O local da Iniciação Cristã era a casa. Na sinagoga era o lugar do judaísmo, nos templos romanos era proibido falar de Jesus. Aos poucos foram se organizando as comunidades. Em Antioquia, pela primeira vez, os seguidores de Jesus foram chamados Cristãos (At 11,26).

66. A partir do século II a Igreja estruturou um processo longo de Iniciação Cristã (2 a 3 anos) chamado CATECUMENATO. Este processo se dividia em quatro partes: o querigma, o catecumenato, a purificação ou iluminação e a mistagogia. Infelizmente, com o advento da cristandade, a partir do século V acabou o catecumenato. No século XVI o Concílio de Trento apresentou como proposta um livrinho de catecismo com perguntas e respostas com o objetivo de defender a fé católica do protestantismo e preparar as crianças para a primeira

²⁴ CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), 2019-2023, n. 6.

²⁵ Idem, n. 8.

²⁶Cf. Idem, n. 207.

comunhão. Só no século XX com o Concílio Vaticano II a Igreja vem restabelecer o Catecumenato segundo a forma da Igreja Primitiva. O documento 107 da CNBB assume a expressão “Iniciação à Vida Cristã” no lugar palavra Catequese, que ficou marcada e estereotipada como evangelização exclusiva das crianças.

67. A Palavra nos educa para a oração pessoal, o conhecimento da Igreja e para o compromisso comunitário social. A Palavra de Deus não pode ser deturpada ou usada para fins interesseiros, por isto tem que estar em comunhão com o Magistério da Igreja, representada pelo Papa e os Bispos.

68. Encaminhamentos práticos:

1. Revisão das normas para o sacramento do Batismo em vigência desde 2009. Há muitas divergências na interpretação – O ideal é apresentar um texto claro das normas para ser cumprido em todas as Paróquias da Arquidiocese;
2. Que todas as Paróquias assumam a Iniciação à Vida Cristã de inspiração catecumenal, conforme estabelece a CNBB no documento 109 nº 50 e no novo Diretório Geral para a Catequese;
3. Assumir o Plano Arquidiocesano de Catequese que tem como objetivo: “Catequese para todos e todas as idades”. Os Sacramentos fazem parte da caminhada de fé do povo de Deus e não devem ser introduzidos fora do contexto catequético;
4. A Arquidiocese se compromete até o dia 1º de cada mês enviar os roteiros de reflexão do mês seguinte para as Paróquias, assim os grupos de reflexão com antecedência irão organizar seus encontros;
5. Todas as Paróquias oferecerão encontros para os namorados. Com a relação a preparação imediata para o casamento, o material “Acolhendo os noivos” da Arquidiocese é o mais indicado, lembrando que devem acontecer pelo menos 12 encontros e feitos por acolhida;
6. Fazer campanha para que todas as famílias tenham a Bíblia e que ela seja fonte de estudo e oração;
7. Usar o potencial das redes sociais para difundir aplicativos de formação permanente aos agentes de pastorais.

3.2. PILAR DO PÃO

69. Sabemos que a Palavra e a Eucaristia são elementos essenciais da vida cristã e não podem ser substituídos, pois são como a identidade do povo da Nova Aliança. Dessa forma, o coração pulsante desses elementos é a sagrada Liturgia, ela que une e reúne a comunidade em torno de seu Deus e Senhor.

70. A família cristã deve se reunir com o Senhor e com os irmãos, por isso o domingo, Dia do Senhor, deve ser celebrado por todas as comunidades, seja pela Celebração Eucarística ou pela celebração da Palavra de Deus. O domingo é o dia da escuta da Palavra, pois nesse dia o Senhor Ressuscitado se manifestou aos dois discípulos a caminho de Emaús e lhes revelou o sentido das Escrituras. Neste dia Jesus continua a nos falar na sua Palavra proclamada na assembleia litúrgica.

71. No domingo evocamos o repouso total que a Páscoa de Cristo nos garantiu: o Senhor saiu da morte e veio à vida. A celebração nos restaura, resgata a nossa energia, reaviva nossa esperança, nossa força e nossa fé.

72. O domingo é também o dia da fraternidade cristã, dia de solidariedade, de visita às famílias, de socorro aos doentes, de visitas aos presos. É páscoa semanal, celebrada com gestos e ações concretas em favor dos irmãos mais necessitados.

73. O domingo nos dá a identidade de cristãos. Celebramos esse dia como o mais bonito da semana, dia de festa e alegria. Os discípulos ficaram alegres ao verem o Senhor. A alegria é pascal. São João Paulo II na Carta Apostólica *Dies Domini*, sobre a santificação do domingo, apresenta as várias características desse dia: Dia do Senhor, que celebra a obra da criação; Dia de Cristo, enquanto dia da nova criação e do dom do Espírito Santo que o Senhor Ressuscitado concede; Dia da Igreja, como dia em que a comunidade cristã se reúne para a celebração.

74. Para que as celebrações ajudem os fiéis a se compreenderem como o Corpo Místico de Cristo - a Igreja -, elas não podem assumir um tom subjetivo, que destaca mais o gosto pessoal do que a Pessoa de Jesus. Tais celebrações não podem ser tomadas pela frieza e nem serem só cumprimentos de normas não entendidas e mal compreendidas. Por isso se faz tão necessário o conhecimento litúrgico no âmago da ação ritual.

75. Encaminhamentos práticos

1. *Celebrar o Dia do Senhor*: que as comunidades tenham o Domingo como dia de se reunirem em torno da Palavra e da Eucaristia. Incentivem também a celebração da

Palavra de Deus, com os diáconos ou os Ministros devidamente preparadas para tal, onde não for possível a celebração da Santa Missa.

2. *Fomentar a Espiritualidade laical*: incentivar os retiros espirituais nas diversas instancias da vida comunitária: comunidade, paróquia, forania, região e arquidiocese.
3. *Celebrações da vida da comunidade*: a piedade popular como expressão da fé do povo. O Vaticano II, através da constituição dogmática SC, 13 reconheceu a importância da piedade popular para a liturgia e houve uma evolução do apreço à piedade popular exigindo uma reflexão mais aprofundada sobre a mesma e o estabelecimento de algumas linhas de ações, encarando a piedade popular como uma espécie de liturgia do povo.
4. *Ofício Divino das Comunidade*: incentivar o uso do ofício como espaço de oração e partilha de vida comunitária,
5. *Atendimento ao povo*: valorizar as instâncias de escuta, direções espirituais e aconselhamento individual, sempre a luz da Palavra de Deus e do ensino da Igreja. Viabilizar horários de atendimento e celebrações que correspondam às necessidades locais.

3. 3. PILAR DA CARIDADE: agir para transformar, missão da comunidade eclesial

76. A promoção e a defesa da vida, em todas as suas manifestações, constituem o concreto com o qual se enche o pilar da caridade que ajuda a sustentar a Casa-Comunidade Eclesial. Nossa fé cristã nos ensina que fomos criados para amar a Deus e ao próximo. Esse amor se manifesta em nosso compromisso com “as questões sociais, a defesa da vida e os desafios ecológicos da atual cultura urbana globalizada”²⁷. Tal compromisso se dá através de uma “postura de serviço, diálogo, respeito à dignidade da pessoa humana, defesa dos excluídos e marginalizados, compaixão na busca da justiça, do bem comum e do cuidado com o meio ambiente”²⁸.

77. O Papa Bento XVI ensina que a caridade “é uma força extraordinária, que impele as pessoas a comprometerem-se, com coragem e generosidade, no campo da justiça e da paz”²⁹ e que ela “é a via mestra da doutrina social da Igreja” e o “princípio não só das microrrelações

²⁷ CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, n. 104.

²⁸ Idem

²⁹ PAPA BENTO XVI. Encíclica Caritas in veritate, n. 1.

estabelecidas entre amigos, na família, no pequeno grupo, mas também das macrorrelações como relacionamentos sociais, econômicos, políticos”³⁰.

78. Há uma estreita relação entre caridade e justiça. Aliás, a história registra grupos que se opõem à caridade praticada pela Igreja dizendo que os pobres “não teriam necessidade de obras de caridade, mas de justiça” e que as obras de caridade “seriam na realidade, para os ricos, uma forma de subtraírem-se à instauração da justiça e tranquilizarem a consciência, mantendo as suas posições e defraudando os pobres nos seus direitos”³¹.

79. Aos que assim pensam, respondemos que a luta pela justiça sempre fez parte da atividade evangelizadora da Igreja. A caridade, porém, lhe é superior. “A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro do que é ‘meu’; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é ‘dele’, o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso ‘dar’ ao outro do que é meu, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça”³².

80. A caridade, portanto, “está no centro de toda a vida social sadia e aberta”³³ e deve ser a alma da ordem social e política que se quer construir com respeito à vida, à dignidade da pessoa humana³⁴ e à nossa Casa Comum. Isso implicará que o discípulo-missionário de Cristo reveja sua participação política na sociedade, assuma a dimensão sociopolítica de sua fé e descubra sua vocação política a partir de sua responsabilidade na construção do bem comum.

81. Para viver e praticar a caridade na perspectiva acima descrita, nossa Arquidiocese reconhece a urgência de fazer com que todos os serviços de evangelização – da catequese à liturgia, da animação missionária ao diálogo inter-religioso e ecumênico, das CEBs, Novas Comunidades e Movimentos às Associações e Pastorais – comprometam-se com a Dimensão Sociopolítica ou a Ação Sociotransformadora que nasce do Evangelho de Cristo. Isso deve ser feito, fundamentalmente, a partir de dois eixos globais: 1) A vida e a dignidade humana; 2) Cuidado com nossa Casa Comum.

82. Na elaboração de ações para esses eixos, tenham-se como referência as Cartas-compromisso dos sete Fóruns Sociais pela Vida, realizados pela Arquidiocese de Mariana, bem como os objetivos das pastorais sociais.

³⁰ Idem, n. 2.

³¹ PAPA BENTO XVI. Encíclica Deus Caritas est, n. 26

³² PAPA BENTO XVI. Encíclica Caritas in veritate, n. 6.

³³ PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti, n. 184

³⁴ Cf. PAPA FRANCISCO. Encíclica Fratelli Tutti n. 180

1. A Caridade a serviço da vida, da dignidade humana e do cuidado com a casa comum

83. No âmbito da vida e da dignidade humana, o agir do discípulo-missionário e de nossas comunidades eclesiais deve voltar-se, preferencialmente, para o pobre e excluído, vítima do sistema político-econômico vigente e da ausência do Estado em questões que lhe são essenciais como saúde, educação, moradia, alimentação, segurança, lazer e cultura.

84. Na comunhão e participação, as várias instâncias da Arquidiocese elaborem planos de ação considerando duas diretrizes: a vida e a dignidade humana.

1.1. Promoção e defesa da vida

85. A vida é o dom maior que Deus nos deu. Defendê-la é compromisso de todos. Assim, nossa ação evangelizadora precisa voltar-se para os mais vulneráveis a fim de ajudá-los a superar o mal que os ameaça, tendo presentes as crianças e adolescentes, os jovens, os idosos, os migrantes e a família.

86. Para atingir essa meta, o trabalho pastoral deverá batalhar pela elaboração e implementação de políticas públicas que garantam vida em abundância para todos (cf. Jo 10,10).

1.2. Promoção e defesa da dignidade humana

87. A doutrina social da Igreja insiste que “uma sociedade justa pode ser realizada somente no respeito pela dignidade transcendente da pessoa humana”³⁵ e que “em nenhum caso a pessoa humana pode ser instrumentalizada para fins alheios ao seu mesmo progresso”. A pessoa humana, portanto, “não pode ser instrumentalizada para projetos de caráter econômico, social e político impostos por qualquer que seja a autoridade”³⁶. Conclui-se, assim, que “somente o reconhecimento da dignidade humana pode tornar possível o crescimento comum e pessoal de todos”³⁷.

88. A ação evangelizadora só é reconhecida como tal se defende e promove a dignidade da pessoa humana como fez Jesus em sua opção pelos pobres, os mais desrespeitados em sua dignidade. Assim, nossa ação pastoral terá, inevitavelmente, que transpirar nosso compromisso com os direitos humanos, a solidariedade e a participação na política em suas diversas formas.

³⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 132

³⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 133

³⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 145

1.3. O cuidado com a casa comum

89. No âmbito do cuidado com nossa Casa Comum, deve-se buscar, antes de tudo, a conversão ecológica a fim de compreendermos a Ecologia Integral. Por meio desta, entendemos que tudo está interligado e que a vida humana depende da vida do planeta.

90. Recorda-nos o Papa Francisco que “a falta de preocupação por medir os danos à natureza e o impacto ambiental das decisões é apenas o reflexo evidente do desinteresse em reconhecer a mensagem que a natureza traz inscrita nas suas próprias estruturas. Quando, na própria realidade, não se reconhece a importância de um pobre, de um embrião humano, de uma pessoa com deficiência – só para dar alguns exemplos –, dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Tudo está interligado. Se o ser humano se declara autônomo da realidade e se constitui dominador absoluto, desmorona-se a própria base da sua existência”³⁸.

91. Nosso compromisso com a Casa Comum deve se traduzir por meio de ações que ajudem a construir a sociedade do bem-viver e que combatam todo projeto de desenvolvimento que desconsidere a vida dos povos tradicionais, os danos ao meio ambiente, a exploração da terra até à exaustão, a finitude dos recursos naturais.

3.4. PILAR DA MISSÃO

92. A Igreja é um instrumento criado pela missão e deve estar em função da missão. A Missão é de Deus. Ele chama seus filhos e filhas para colaborarem nesta empreitada: construir o Reino de “justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Rm 14,17). As comunidades cantam entusiasmadas: “A verdadeira Igreja é onde o povo está unido, o que Jesus deseja, nem opressor nem oprimido”. “Todos vocês são irmãos” (Mt 23,8).

93. A Missão é construir o Reino. Jesus relativizou tudo em vista do Reino. O Reino é uma pérola preciosa, é o tesouro escondido. O sábio trabalhador – agente de pastoral – **sai** para lançar a semente que produz o Reino. O agente de pastoral, pescador de gente (cf. Mc 1,17), lança a rede e consegue outros que também procuravam o Reino (cf. Jo 1,40-46). A missão vai acontecendo: a massa vai se modificando. O (a) missionário (a) não teme os “joios”, nem se preocupa com a inutilidade dos “peixes que não prestam” (cf. Mt 13). O missionário

³⁸ PAPA FRANCISCO. Encíclica *Laudato Si*, n. 117,

é um profeta, uma profetiza da esperança. Confia no Dono da “vinha”, que enxerga os pequenos e neles faz maravilhas, que se estendem de geração em geração (cf. Lc 1,48-50). A comunidade tem terra boa. Nunca está tudo perdido. “Tudo é possível para quem tem fé” (Mc 9,23).

94. A missão faz a comunidade e a comunidade faz a missão. A comunidade não estava pronta. “A comunidade nunca está pronta”. “No começo a Palavra já existia” (Jo 1,1), só a Palavra. A Palavra ressoou, desde criança, pela ação missionária dos pais e dos catequistas (cf. Dt 6,20-25; 2Tm 3,15-17). A Igreja missionária inventou a catequese ampla e irrestrita. Catequese para todos e de todas as idades: um projeto ousado; catequese familiar (grupo de reflexão, pastoral do dízimo, pastoral do batismo). A catequese supõe a comunidade. A missão evangeliza e catequiza. A comunidade que só tem catequese e ainda não é uma Comunidade Eclesial de Base, e, por isto não missionária, pela ação missionária transformadora dos (as) catequistas se tornará uma Comunidade Eclesial Missionária na Base da “casa/Igreja” (DGAE, 2019-2013, CNBB, n. 7) Esta missão gera a comunidade, pelo anúncio da **Palavra**. Alimenta a comunidade com o **Pão** da vida. Serve a comunidade (**Caridade**), promovendo os mais pobres, para que tenha viva em plenitude. Eis a verdadeira **Missão**.

95. “A vida é missão”. Todos pela própria condição de batizados são missionários (cf. A Alegria do Evangelho, nº120). Assim a Comunidade Eclesial se torna missionária, construindo a base que edifica o Reino, “construção de Deus” (1Cor 3,9; DGAE, 2019-2013, CNBB, n. 4). A casa dificilmente será construída por um só. São muitos os profissionais que trabalham na sua edificação. Assim é a “casa-comunidade”. A missão é diferenciada conforme as necessidades e os dons de cada um (cf. Rm 12,4-8; 1Cor 12, 4-11; Ef 4,7-16). Ninguém tem o direito de fazer nada (cf. Dt 16,16; 2Ts 3,10.13). A comunidade eclesial (pequena) constitui o fermento dentro da comunidade social (maior). O leigo, a leiga não são “ajudantes” de líderes maiores dentro da família-comunidade. É membro ativo, “sujeito eclesial”, como “sal da terra e luz do mundo” (Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade, CNBB, n. 119).

- **Sintetizando:**

96. No princípio era a Palavra. Com ela tudo começou (cf. Jo 1,1.3). A Palavra é inspirada por Deus e é útil para ensinar, argumentar, corrigir, educar (2Tm 3,16). Ela é a luz e ilumina o caminho (cf. Jo 1,4; Sl 119/118,105), gera a fé e faz arder o coração (cf. Rm 14,17; Lc 24,32), pois a promessa do Pai se cumpriu (cf. Is 7,14; Gl 4,4). A Palavra se fez carne e habita

na comunidade, se faz Eucaristia e alimenta a comunidade que, por amor, sai ao encontro do outro, pois A VIDA É MISSÃO.

97. Encaminhamentos práticos:

1. Investir nos diversos Conselhos Missionários e na missão ad gentes para dinamizar as Comunidades Eclesiais Missionárias e garantir sua identidade.
2. Despertar a consciência missionária das comunidades, a fim de que valorizem, como espaços de missão, as periferias geográficas e existenciais, com especial atenção aos hospitais, escolas, presídios/outras lugares de detenção e universidades, priorizando a pessoa e seu acompanhamento espiritual e social.
3. Pastorais sociais: Em meio aos grandes desafios do momento que estamos vivendo, muitas pessoas encontram-se em situação de vulnerabilidade, por isso, faz-se necessário um olhar atento e minucioso em busca de soluções humanas e viáveis. (Jo 10,10)
4. Movimentos: Devido a influência dos meios de comunicação, podemos identificar em nossas paróquias, o crescente número de movimentos devocionais que exigem uma atenção especial. É preciso estabelecer um maior diálogo, favorecendo um maior entendimento sobre o sentido e o objetivo da caminhada de fé.
5. Dimensões: Intensificar o compromisso missionário de cada cristão, através de uma maior interação com as Pontifícias Obras Missionárias: as POM nos abrem ao universalismo e à responsabilidade apostólica e nos impulsionam a dar testemunho de fé em Jesus Cristo e a transmitir essa mesma fé através dos serviços de animação, formação, organização e cooperação missionária. Elas se ocupam de infundir entre os católicos, desde a infância até o final da nossa peregrinação terrestre, o sentido verdadeiramente missionário e promovem a cooperação espiritual e material para a Missão no mundo. Três das quatro Pontifícias Obras Missionárias estão presentes no Brasil: a) Infância e Adolescência Missionária: com o lema: “Criança ajuda e evangeliza criança” tem como um de seus objetivos, despertar o espírito missionário desde a infância; b) União Missionária: busca a formação e a informação missionária dos presbíteros, religiosos, seminaristas, bem como aqueles que se sentem chamados à missão ad gentes; c) Obra de Propagação da Fé: busca suscitar o interesse pela Evangelização Universal em todo o povo de Deus, de acordo com as possibilidades e as limitações de cada um, através da Juventude Missionária, Famílias Missionárias, e Idosos e Enfermos Missionários.

6. Outras iniciativas: (Dízimo) Que nossas paróquias estejam atentas as (dimensões) do dízimo e que possamos respeitar o que nos ensina essa organização: religiosa, eclesial, caritativa e missionária.